

Apoio da avó

Bruna Daniela Pereira, 19 anos, cursa o quarto semestre de medicina. Criada pela avó desde os cinco meses de idade, após perder a mãe ainda bebê, cresceu aprendendo que a educação seria sua principal ferramenta de transformação. Estudou toda a vida em escolas públicas e concluiu o ensino médio no Instituto Federal de Brasília. Sem condições de frequentar cursinhos particulares, construiu sua preparação utilizando videoaulas, provas antigas e transmissões gratuitas realizadas por professores na internet.

Ela conta que seus maiores desafios não foram financeiros, mas emocionais. A pressão que colocava sobre si mesma era enorme. Tinha medo de não conseguir passar direto do ensino médio e acreditava que, caso falhasse naquele momento, talvez nunca alcançasse o objetivo. A comparação constante com estudantes que tinham mais recursos também alimentava inseguranças. Hoje, outro desafio faz parte da rotina. Moradora de Taguatinga, passa cerca de três horas por dia em deslocamentos entre casa e universidade.

Todos os dias, ainda de madrugada, a avó a acompanha até o ponto de ônibus. Na volta, o cuidado continua. Bruna afirma que a presença da família foi essencial em todos os momentos difíceis. Sempre que pensava em desistir, encontrava apoio na avó, que repetia que ela era capaz e que jamais enfrentaria os desafios sozinha.

Atualmente, as preocupações envolvem, também, os custos da graduação e a aquisição de materiais necessários para o curso. Mesmo assim, ela segue determinada a concluir a formação. “Já houve momentos em que pensei em desistir, principalmente, no início do curso, porque parecia que estava em desvantagem em relação aos outros sobre distância, tempo de condução, agora, por exemplo, no 4º semestre, eu não sabia se conseguiria comprar os materiais, mas graças a muito esforço deu tudo certo!”, completa, Bruna!

Fotos: João Pedro de Lara Resende



A trajetória de Pedro

Aos 22 anos e recém-ingressado em medicina da UnB, Pedro Victor Pattera carrega uma trajetória marcada pela persistência. Nascido em Goianira (GO), mas criado em Samambaia, ele cresceu cercado por estímulos que despertaram seu interesse pela área da saúde. Aos sete anos, porém, um episódio mudaria sua vida. Após desenvolver diabetes, sofreu uma grave crise de hipoglicemia e quase morreu. A experiência despertou admiração pelos profissionais que o atenderam e fortaleceu o desejo de se tornar médico.

A trajetória escolar foi marcada por mudanças. Estudou como bolsista em uma escola particular durante parte da infância, mas relata dificuldades de aprendizagem relacionadas à qualidade do ensino recebido. Posteriormente ingressou em uma escola pública de Taguatinga durante o ensino médio. Então, veio a pandemia. Por fazer parte do grupo de risco, permaneceu mais tempo no ensino remoto e retornou às aulas presenciais somente em seu terceiro e último ano, carregando lacunas importantes na formação.

O desempenho no PAS foi prejudicado. Vieram tentativas frustradas pelo vestibular e pelo Enem. Mesmo após conquistar uma bolsa social em um cursinho particular, a aprovação não aconteceu. Foi nesse período que desenvolveu uma nova compreensão sobre os processos seletivos. Percebeu que precisava aprender estratégias específicas para as provas.

Após dois anos de tentativas, finalmente conquistou a vaga. Hoje, além dos estudos, trabalha para ajudar a custear livros e equipamentos exigidos pela graduação. “O curso elitizado carrega essa necessidade de se manter

sempre em novas compras de livros e materiais, muitas vezes me vi em desvantagem de quem poderia comprar com facilidade esses itens”.

Diagnosticado com autismo e convivendo com a diabetes, Pedro afirma que enfrentou desafios adicionais ao longo da trajetória. Apesar de reconhecer a importância das cotas e das políticas de inclusão, acredita que as desigualdades continuam evidentes. Enquanto alguns colegas vivem próximos à universidade, ele enfrenta diariamente longos deslocamentos utilizando ônibus e metrô.

Filho de uma mãe que veio de uma chácara no interior de Goiás, filha de pedreiro e de um pai que batalhou muito para conseguir lecionar aulas, Pedro guarda uma frase repetida pelo pai durante toda a vida. Segundo ele, “pessoas que enfrentam dificuldades financeiras e barreiras sociais precisam correr mais para alcançar lugares que outros atingem com muito menos esforço”.

A frase continua servindo de guia para uma trajetória construída justamente dessa forma. Correndo um pouco mais a cada dia. A caminhada é longa e desafios que testam os estudantes diariamente. Mas, ao final, será a maior conquista da vida desses jovens médicos. As suas famílias, no dia da formatura, lá estarão. E será o momento mais emocionante e exitoso de suas vidas. Médicos forjados nessa trajetória serão, espera-se, mais preparados para ouvir as dores do corpo e da alma dos seus pacientes. (TP)

*Estagiária sob supervisão de Ana Sá